

História de saberes amazônicos e emancipação política: o artesanato em Juruti-PA

History of Amazonian knowledge and political emancipation: handicraft in Juruti-PA

Raimundo Jorge da Cruz Couto
Anselmo Alencar Colares
Universidade Federal do Oeste do Pará – Ufopa
Santarém – Pará - Brasil

Resumo

O presente artigo tem por objetivo demonstrar como o artesanato do Município de Juruti-PA, baseado nas tradições indígenas e educação popular, tomou impulso econômico e político com a chegada das freiras Franciscanas Maristella em 1970. Além de investirem no aperfeiçoamento das técnicas de produções artesanais, com o objetivo de gerar renda para as famílias, as freiras também estimularam a reflexão crítica e política da realidade, gerando tensão e ódio dos tradicionais mandatários do município. Para neutralizar sua influência na população, os poderosos atacaram-nas com uma série de mentiras. Essas ações ocasionaram o encerramento das atividades da congregação, na sede do município em 1992. Apesar das dificuldades, os artesãos prosseguiram suas atividades e os movimentos populares continuaram crescendo até que em 2004, as bases populares conseguiram conquistar a prefeitura.

Palavras-chave: Cultura; Franciscanas; Política.

Abstract

This article aims to demonstrate how the handicrafts of the Municipality of Juruti-PA, based on indigenous traditions and popular education, took economic and political momentum with the arrival of the Franciscan Maristella nuns in 1970. In addition to investing in the improvement of artisanal production techniques, with the objective of generating income for the families, the nuns also stimulated critical and political reflection on reality, generating tension and hatred from the traditional rulers of the municipality. To neutralize their influence on the population, the powerful attacked them with a series of lies. These actions led to the closure of the congregation's activities at the municipal headquarters in 1992. Despite the difficulties, the artisans continued their activities and popular movements continued to grow until, in 2004, the popular bases managed to conquer the city hall.

Key-Words: Culture; Franciscans; Policy.

Introdução

Em 1970 quando as freiras da Congregação Franciscana Maristella aportaram na cidade de Juruti, extremo oeste do Pará, observaram de imediato a situação de pobreza e abandono em que se encontrava a população e, por questões de princípios religiosos e humanitários, decidiram enfrentar o problema elaborando um planejamento de curto e longo prazo. O de curto prazo seria para amenizar o sofrimento imediato das pessoas, como atendimento básico de saúde e educação. O de longo prazo seria proporcionar alternativas de geração de renda aos pequenos lavradores e formação cidadã para que no futuro assumissem os rumos políticos do município. Desse modo, viu-se no artesanato uma possibilidade de oportunizar dignidade e preservar a memória histórica das tradições culturais indígenas.

O objetivo das freiras e também dos padres não era somente fazer uma obra assistencialista para população para que, depois que partissem, essas atividades caíssem no esquecimento e, novamente, as pessoas voltassem para a miséria. Era preciso insistir em educação popular dentro de uma perspectiva de transformação da realidade. Um dos exemplos dessa filosofia foi a construção de residências populares em regime de puxirum, que é um termo originário do vocabulário tupi-guarani, significa “juntar a todos para fazer casa, festa, caçar, pescar, plantar, colher”.

As religiosas perceberam que a alta incidência de doenças e até a morte de crianças estava relacionada a má alimentação e às condições precárias de higiene e saneamento das residências. As casas de palha e sanitários insalubres proporcionavam a propagação de doenças parasitárias. Era preciso mudar o modo de habitação para melhorar a saúde, porém como resolver esse problema grave se as famílias não tinham condições financeiras de construir as casas. Diante dessa situação, seria necessário pensar em soluções que melhorassem as condições financeiras e, também, em materiais alternativos de construção civil que fossem resistentes e baratos para a construção de casas. Com criatividade e em regime de puxirum construíram quase duzentas casas com tijolos de adobe¹ na cidade e zona rural.

Dentre as alternativas de geração de renda, pensou-se em uma atividade que superasse o estigma da subsistência e ao mesmo tempo valorizasse a região,

potencializando os conhecimentos dos antepassados indígenas. Nessa perspectiva, foi iniciado no início dos anos de 1970 o curso de artesanato que se tornou, ao longo dos anos, uma fonte complementar e para muitos fonte principal de renda.

O presente artigo tem por objetivo demonstrar como ocorreu o desenvolvimento da pedagogia artesã e sua relação com movimentos sociais no município de Juruti-PA, nas décadas de 1970 a 1990, impulsionados pelos serviços das freiras franciscanas Maristella. Desse modo, indagamos como os profissionais do artesanato de Juruti conciliaram o aprendizado, as atividades de geração de renda com o enfrentamento aos políticos tradicionais do município. Nesse sentido, concordamos com Saviani (1995) quando diz “o trabalho educativo é o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens”.

Para compreender a dimensão político pedagógica do artesanato em Juruti recorreremos ao Materialismo Histórico Dialético, por se tratar de relações humanas conduzidas pela partilha de conhecimento adquiridos historicamente, mas também por severos conflitos por delimitações de poder. Para Pires (2009) “dialética permite e exige o movimento do pensamento, a materialidade histórica diz respeito à forma de organização dos homens em sociedade através da história [...] este movimento contraditório humanização/alienação interessa muito à educação”.

A pesquisa se apoia em documentos históricos, fotografias e bibliografias voltadas à compreensão dos movimentos populares dentro de uma concepção de transformação da realidade social.

O artesanato em juruti como alternativa de renda

Nas décadas de 1970 e 1980, o município de Juruti possuía como característica uma economia de subsistência, baseada na agricultura familiar e pesca em pequena escala. Grande parte da população morava na zona rural a qual se dividia em região planaltina (terra firme) e várzea (ribeirinhos do rio Amazonas e seus afluentes). Mesmo os residentes na sede do município tinham algum tipo de relação com o trabalho na roça. Algumas famílias que moravam em terra firme cultivavam pequenas roças de mandioca, macaxeira, milho e alternavam com a criação de animais, como galinha, porco e pequenos rebanhos de gado. Os ribeirinhos também cultivavam pequenas roças de mandioca, criação de animais e

plantavam juta, que era uma fibra utilizada para a fabricação de sacas para armazenar alimentos, principalmente, o café. Nesse período, a produção da fibra estava em franca decadência devido à concorrência com a fibra asiática.

Mesmo com muito trabalho na roça, a maioria da população não conseguia acumular dinheiro suficiente para sanar as necessidades básicas, como melhoria das residências ou até mesmo para comprar remédios. Como a presença poder público era quase inexistente, as freiras e os padres consideraram contribuir para melhorar as condições de vida das pessoas e viram no artesanato uma alternativa de geração de renda. A ideia geral era dar o impulso no início através da efetivação da infraestrutura, massificação dos cursos, encaminhar a produção para um mercado regular e formar lideranças para que pudessem, no futuro, levar sozinhos as atividades, mas, para isso, era preciso potencializar o conhecimento pré-existente.

As comunidades tradicionais praticavam um artesanato rústico, herança dos povos indígenas que habitaram há milhares de anos a Amazônia e que repassaram o conhecimento da fabricação da cerâmica a partir do barro e a técnica de tecelagem utilizando as fibras naturais de cauaçú, juta e cipó ambé. Contudo, os utensílios fabricados serviam mais para dar suporte a seu trabalho diário, como cozinhar e carregar a produção de frutas, sementes e raízes, do que embelezar os ambientes. O propósito seria o de canalizar essa habilidade e conhecimento para ingressar no mercado de artesanato da região.

O projeto de artesanato inicia as atividades em 1970, com cursos de corte, costura e bordado ministrados pela Irmã Gertrud. Em seguida, as jovens e senhoras que demonstravam mais habilidades e dedicação eram selecionadas para ministrarem as aulas com a freira. Ao lado do salão de conferências da igreja, foi construído um grande barracão onde eram ministradas as aulas e iniciado o processo de produção. Dessa forma, o artesanato foi desenvolvendo e subdividindo-se em setores. Havia o setor de fibras orgânicas, bordados, redes. Em uma outra área do terreno da paróquia, foi construído um outro barracão para a atividade de olaria onde se dedicavam aos cursos e ao fabrico de cerâmica decorativa.

Em 1976, foram contratados 4 funcionários fixos cuja função era coordenar os cursos e também os setores de produção. A partir desse momento, cresceu a demanda pelos produtos do artesanato. Os responsáveis começaram a participar de feiras de artesanato nas cidades de Belém, Belo Horizonte, São Paulo, Recife, Ceará, dentre outras cidades do país. Por intermédio dos amigos dos padres e freiras, as peças começaram a ser exportadas

para Itália, Bélgica, Holanda e, principalmente, para a Alemanha. Em virtude desse fluxo de mercadoria, o artesanato chegou ao auge na década de 1980, com aproximadamente 120 colaboradores na linha de produção.

Pedagogia artesã na Amazônia

Segundo Alvares (2019), a educação é um processo contínuo de partilha e redefinições de conhecimentos acumulados por milhares de anos e essa prática de transmissão tem como finalidade a sobrevivência dos grupos humanos. Nas comunidades letradas, a escola representa o principal instrumento de transmissão de conhecimentos. Nela, os saberes são processados e transmitidos através da verbalização e de conteúdos escritos. Para se chegar à efetivação das aprendizagens, são utilizados os mais variados recursos, como o antigo quadro negro e giz, até os modernos recursos eletrônicos, variados laboratórios e bibliotecas. O conhecimento histórico e científico é distribuído por disciplinas que se utilizam de estratégias pedagógicas para serem replicados, questionados e, muitas vezes, reelaborados. Mesmo com os avanços tecnológicos, a efetivação do processo de ensino e aprendizagem ainda depende do domínio da linguagem oral, escrita e da figura de um professor(a) remunerado para exercer o ofício de facilitar o entendimento de um determinado ramo do conhecimento.

Para Libâneo (2013), há duas formas de apreensão do conhecimento através da educação: uma intencional na qual a escola é a intermediadora e a outra não intencional e que está ligada ao contexto informal das pessoas:

A educação não intencional refere-se às influências do contexto do contexto social e do meio ambiente sobre os indivíduos. Tais influências, também denominadas de educação informal, correspondem a processos de aquisição de conhecimentos, experiência, ideias, valores, práticas que não estão ligadas a uma instituição e nem são intencionais e conscientes. São situações e experiências, por assim dizer, causais, espontâneas, não organizadas, embora influam na formação humana. É o caso, por exemplo, das formas econômicas e políticas de organização da sociedade, das relações humanas na família, no trabalho, na comunidade, dos grupos de convivência humana, do clima sociocultural da sociedade. (LIBÂNEO, 2013, p.15-16).

Em comunidades tradicionais, os conhecimentos são repassados através da oralidade, tendo o clã familiar como suporte e, também, os demais membros comunitários. Os anciãos são os grandes mestres por dispor de um acúmulo de conhecimento e experiência. Na Amazônia, por exemplo, o conhecimento acumulado é imprescindível para a sobrevivência, haja vista a densidade das matas e os perigos dos caudalosos rios. Uma canoa

malfeita ou mal projetada, por exemplo, poderia ser fatal em uma travessia de rio; a falta de conhecimento de frutos amazônicos comestíveis seria, também, perigosa em caso de se perder na mata. Segundo Zdradek e Oliveira (2021) é necessário enfatizar a relação entre natureza e cultura e a importância da valorização da ancestralidade.

Até algum tempo, quando não havia facilidade de acesso aos produtos industrializados, como o plástico e o vidro, praticamente, todos os utensílios eram retirados da mata e era necessário o conhecimento adequado para manuseá-los. Inclusive, as residências eram feitas/tecidas de palha branca (*Attalea microcarpa* Spruce). Apesar de raras, hoje em dia, ainda é possível vê-las nas periferias das pequenas cidades e em comunidades rurais (Figura 1). A temperatura agradável, em qualquer hora do dia, é seu maior atrativo e suas desvantagens são: ínfima perenidade; excelente local para abrigar bichos peçonhentos; fragilidade diante do fogo, da água, da chuva e do sol amazônico escaldante. Devido ao apodrecimento das fibras, no máximo, de três em três anos precisa ser refeita.

Figura 1 - Residência jurutiense confeccionada com palha branca



Fonte: acervo fotográfico da Congregação Franciscana Maristella

Muitos são os exemplos de utensílios (herança da ancestralidade indígena) que eram utilizados e que, em sua maioria, foram substituídos pelo plástico, como a cuia: cabaça fruto da cuieira (*Crescentia cujete*). As cuias eram utilizadas extensivamente como recipientes de água e prato. Os cipós e fibras também tinham variadas utilidades, como por exemplo, a fibra da envira (*Bocageopsis multiflora*) servia para fazer cordas de amarração dos barracões e casas de palhas, amarrar fumo de rolo e as hastes de mandioca, dentre outras. O cipó Ambé (*Philodendron Schott*) era utilizado para a confecção dos paneiros/cestos para carregar a produção agrícola e para a coleta de sementes e frutos das matas; a fibra de cauauçu (*Calathea lutea*), mais fina e resistente à umidade, era utilizada para peneiras; e o tipiti – utensílio comprido utilizado como prensa para espremer os líquidos da mandioca deixando-a pronta para ser torrada. A tradição indígena também deixou para os seus descendentes a cultura da fabricação de utensílios de barro, principalmente, tachos e panelas para o cozimento de alimentos.

Observa-se que, antes do processo de industrialização, a vida das antigas comunidades era organizada de uma forma em que as pessoas dominavam todas as etapas da produção necessárias à sua existência.

Enquanto o artesanato e a manufatura constituem o fundamento geral da produção social, a subordinação do produtor a um ramo de produção exclusivo, à decomposição da multiplicidade primitiva de suas ocupações representam uma fase necessária do desenvolvimento histórico. Sobre aquele fundamento, cada ramo especial de produção encontra, por meios empíricos, a forma técnica conveniente, aperfeiçoa-a lentamente e cristaliza-a logo que atinge certo grau de maturidade. As únicas modificações que se produzem, excetuadas as novas matérias-primas fornecidas pelo comércio, são as que ocorrem progressivamente com os instrumentos de trabalho. Uma vez alcançada, pela experiência, a forma adequada, esta se petrifica, conforme se verifica muitas vezes através de sua transferência de uma geração para outra, durante milênios. (LOMBARDI, 2011, p.94).

O artesanato (arte e ação) era parte integrante das famílias. Havia os ambientes das residências destinados aos teares, à fabricação de cestos, carroças, canoas, arco, flecha, redes de pesca, cordas, roupas e demais apetrechos. A própria residência era construída pelos próprios familiares. Os instrumentos, utensílios e equipamento tinham destinação prática, serviam para facilitar o trabalho do dia a dia.

O objetivo das freiras Maristella, ao observarem a criatividade da população jurutiense ao produzir seus próprios instrumentos de trabalhos, era potencializar esse conhecimento adquirido por gerações e torná-los viáveis do ponto de vista financeiro como forma de complementar as rendas familiares. As freiras tinham plena consciência de que oferecer produtos rústicos ao mercado poderia ser viável por um tempo, mas depois a produção não teria mais saída. Era necessário compreender essa lógica agressiva e consumista do mercado sem perder a essência histórica e comunitária dos habitantes dessa pequena cidade da Amazônia.

O aspecto educacional do artesanato de Juruti segue por duas vertentes: a formal e a informal. O termo informalidade relaciona-se ao fato de não haver nenhum registro oficial de efetivação de escola de artesanato. O termo formal, oficial mesmo, só irá ocorrer a partir de 1991 quando se funda a Associação de Artesãos e registra-se em cartório, antes disso, toda a burocracia era registrada nos arquivos da Prelazia de Óbidos. As técnicas de ensino eram baseadas na oralidade e nas atividades práticas de costurar, bordar, tecer, pintar, cozinhar, tingir, moldar o barro e queimar. Era o aprender fazendo e a perfeição se atingia com repetição e correção das falhas.

Os cursos de arte culinária, corte e costura, bordado e cerâmica começaram a ser ofertados aos jovens e às senhoras (Figura 2) da zona urbana e rural do município a partir do segundo semestre de 1970. Os cursos tinham duração de seis meses, baseavam-se em breves aulas expositivas e, em seguida, partia-se para as habilidades práticas. Irmã Gertrud teve a paciência de registrar todas as atividades e, através desses registros, foram se formando as outras instrutoras. As mais habilidosas foram sendo contratadas para liderar os grupos de produção.

Figura 2 - Alunas do artesanato junto com Irmã Gertrud



Fonte: Congregação Franciscana Maristella

Importante ressaltar que, além da delicadeza e beleza das peças, havia também a preocupação com preservação e resgate histórico da região, principalmente, da cultura indígena. A cidade de Juruti foi, por séculos, um importante aldeamento indígena das etnias Pocó, Condurí e Mundurucu. Essas tribos tinham como característica a produção de cerâmica para diversos fins, como: culinários, decorativos e ritualístico/religioso (Figura 3). É comum desenterrar nos quintais das residências inúmeras peças de cerâmica com os mais variados formatos e desenhos ou, simplesmente, restos de cerâmica que um dia já foram tachos, alguidares, panelas utilizadas para a preparação de alimentos, depósitos de água ou urnas funerárias.

Figura 3 - Cerâmicas pré-históricas de Juruti



Fonte: Scientia.

https://www.academia.edu/35233229/Apresenta%C3%A7%C3%A3o_Contexto_Arqueol%C3%B3gico_Regional_-_Juruti_PA_-_2002.pdf

As peças com elementos decorativos eram e ainda são utilizados pelos sócios do artesanato como inspiração e modelos para a confecção das peças. Tanto a cerâmica

quanto os bordados expõem os desenhos, caricaturas e geometrias das culturas que compuseram o ambiente como primeiro núcleo humano residente nessa localidade. Nessa perspectiva, foram iniciados gradualmente os cursos.

Corte, costura, bordado e crochê

O primeiro curso realizado foi de bordado e crochê, logo em seguida, foram elaborados os cursos de corte e costura e, finalmente, com a aquisição de teares, foram feitos os cursos de tecelagem. Os cursos tiveram aceitação imediata das jovens e senhoras que se matriculavam pagando uma taxa simbólica ou gratuitamente para quem comprovasse não ter rendimentos, o que representava a maioria das pessoas interessadas. Os melhores produtos confeccionados nesses cursos eram colocados à venda em um pequeno bazar após as missas e demais eventos. A produção começou a ter muita aceitação e a dar resultado financeiro. A renda do que era produzido começou a ser dividida entre as participantes do projeto, sendo que uma parte era destinada aos investimentos.

Nos arquivos da Associação dos Artesãos, é possível verificar centenas de lições deixadas por Irmã Gertrud relacionadas à elaboração das peças de crochê, tricô, bordados e demais atividades artesanais, como demonstra a figura 4.

Figura 4 - Lição de bordado



Fonte: arquivo da Associação dos Artesãos de Juruti

Em virtude do aumento das vendas, foram adquiridos mais equipamentos, como máquinas de costuras e teares. As vendas tomaram novos impulsos em virtude da participação em exposições em feiras de artesanato pelo país, contudo a produção ganhou regularidade quando as peças começaram a ter aceitação na Europa (Figura 5).

Figura 5 - Pequeno bazar em uma residência em Augsburg, Alemanha, com artesanato de Juruti



Fonte: Acervo fotográfico da artesã Raimunda Gato

A explicação dessa aceitação dos produtos artesanais pela comunidade europeia se deu por várias razões, dentre elas, a qualidade dos produtos, principalmente, os requintados jogos de toalhas de mesa bordados à mão com desenhos geométricos, tendo alguns inspirados na cultura indígena. Outro fator importante para a aceitação foi o selo de sustentabilidade amazônico. Nenhum produto que chegava ao mercado agredia a natureza, pois era expressamente proibido o uso de adereços com partes de animais silvestres, como penas ou dentes de animais selvagens. Por mais de 15 anos, as feiras nacionais e o mercado europeu contribuíram como importante fonte de recursos financeiros para pelo menos 120 famílias.

Tecelagem

A tecelagem se mostrou bastante promissora e seus produtos começaram a ter muita aceitação nas feiras de artesanato pelo país e pelo exterior. A bolsa feita com a fibra de juta (*Corchorus capsularis*) liderava os pedidos para a produção. Além das bolsas, as artesãs elaboravam uma série de tapetes que serviam tanto para o chão, como também para sofás e cadeiras. A vantagem de trabalhar com a juta era sua fácil produção, grande volume e maleabilidade, no entanto, havia um sério problema ecológico por detrás da produção dessas fibras.

Segundo Homma (2007), a juta é uma planta de origem asiática que foi introduzida na Amazônia pelos Japoneses, a partir de 1930, cuja fibra destinava-se à fabricação de tecido. A política de imigração do governo de Getúlio Vargas facilitou a chegada de japoneses para a Amazônia através das concessões de terras para experimentos agrícolas. O propósito dessa empreitada era aprimorar a prática agrícola da região e melhorar o poder econômico da população que tinha sido comprometido em decorrência da diminuição do comércio do látex extraído da borracha no início do século 20. Dos vários experimentos japoneses, o cultivo da juta e da pimenta do reino foram as que mais deram resultados do ponto de vista comercial. Foram várias décadas de intenso cultivo, mas, a partir da década de 1980, a produção foi decaindo devido à forte concorrência da fibra da Malásia. A insistência na produção dessa cultura agrícola contribuiu severamente para a degradação das regiões de várzea (vasto desmatamento e queimadas) que são muito importantes na cadeia biológica relacionada aos rios e seus afluentes.

Outro ponto importante sobre a tecelagem foram os cursos de preparação de cestos com as mais variadas fibras e cipós nativos, mas que não chegaram a ser comercializados extensivamente pelo artesanato (Figura 6).

Figura 6 – Exposição de cestos, revestimentos de jarros e abajures de cipó em 1982



Fonte: Associação dos Artesãos de Juruti

No portfólio do curso, havia tecelagem de cestos, travessas, jarros e abajures. Havia interesse dos consumidores pelas peças produzidas desses materiais, contudo, não foi possível prosseguir com a fabricação devido à escassez da matéria-prima e alto custo para retirá-la da mata. Nesse caso específico, para que se tornasse viável a produção dos objetos, teria que se fazer parceria com órgãos agrícolas e de pesquisa para tentar dominar o cultivo desses cipós.

Cerâmica

Em um espaço de aproximadamente 300m², foi construído um barracão com os fornos onde funcionou por muitos anos o ateliê de cerâmica decorativa. O barracão tinha múltiplas finalidades, em alguns dias da semana, funcionava como escola de oleiros onde os jovens, senhores e senhoras aprendiam as técnicas de trabalho com o barro. Em outro momento, servia como local de produção de peças de cerâmica para comercialização e, por fim, em um determinado local, havia as prateleiras onde eram expostas as peças para os clientes.

Figura 7 - Irmã Gertrud orientando os trabalhos na olaria

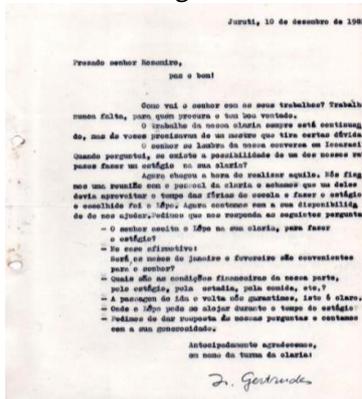


Fonte: Acervo da artesã Raimunda Gato

No portfólio do ateliê, havia um grande número de peças e modelos ofertados de vasos, travessas, pratos decorados, jarros (Figura 7) e, principalmente, panelas e tachos para a preparação de alimentos. Nos tachos, adicionavam-se algumas fibras de caraipé (*Licania octandra*) que melhorava a liga quando entrava em contato com alta temperatura. Esse conhecimento foi adquirido da tradição indígena.

Observa-se, em documentos, a intensa preocupação de Irmã Gertrud em buscar formação para os meninos em outros centros ceramistas do Estado, como demonstra a figura 8.

Figura 8 – Carta solicitando estágio em uma olaria de Icoaraci – PA



Fonte: Arquivo da Associação dos Artesãos de Juruti

Outro fator importante era o aspecto da generosidade entre os ateliês de cerâmicas da região. Observa-se, em uma troca de cartas entre responsáveis por essas olarias, o repasse de desenhos geométricos das bordas e centro dos vasos (Figura 9). Isso demonstra, que mesmo em um ambiente de concorrência por mercado, havia troca de informações e, por conseguinte, solidariedade. Os desenhos geométricos nas peças de cerâmica se tornaram uma exigência dos consumidores devido as descobertas arqueológicas de cerâmica indígena decorada.

Logo no início de sua atividade de produção, os artesãos se dedicavam à fabricação de peças pelo seu valor utilitário (vasos, fogareiros, potes, bilhas e filtros de água, entre outros), sem possuir nenhuma ornamentação em especial, que depois recebeu inovações a partir da atuação de novos ceramistas influenciados pelas descobertas arqueológicas do Museu Paraense Emílio Goeldi e a constante demanda do público por réplicas dessas descobertas. (FIALHO, 2017, p. 13).

Figura 9 - Desenhos geométricos para ornamentação de cerâmica cedido por ateliê de Icoaraci-PA



Fonte: Arquivo da Associação dos Artesãos de Juruti

Para Colares (2011), a dialética marxista nos revela que o mercado acaba determinando as relações sociais através da competição. Nas sociedades feudais, era clara a divisão de classes, mas, no capitalismo, essa divisão é velada através do estatuto da falsa igualdade. É preciso de gestos fraternos e, também, consistência na luta para superar esse modo de produção que descaracteriza a solidariedade: “a desvalorização do mundo

humano aumenta na razão direta do aumento de valor do mundo das coisas [...]. O projeto coletivo de construção de uma sociedade erigida sob novas bases, na qual sejam superadas todas as formas de exploração humana.” (COLARES, 2011, p. 6).

As comunidades eclesiais de base (CEBs)

As artesãs e os artesãos eram membros ativos das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), que eram grupos de reflexão bíblica engajados em movimentos sociais. Nas décadas de 1960 até 1980, uma parte Igreja Católica voltou sua atenção aos problemas de injustiça social da América Latina, principalmente, depois das conferências episcopais das cidades de Medellín (Colômbia) e Puebla (México) ao final dos anos de 1960 e início de 1970. Ambas as conferências foram inspiradas na forte apelação do Vaticano que instruía seus signatários a se atentarem para a conjuntura econômica mundial e olhar para as necessidades mais prementes das comunidades pobres e da classe operária. Era entendido, como palavra de ordem, o apelo por justiça expresso nas Encíclicas dos Papas João XXIII e Paulo VI: *Pacem in Terris* e *Populorum Progressio*.

Nessa linha de justiça social, os teólogos Leonardo Boff (Brasil) e Gustavo Gutiérrez (Peru) lideraram um movimento teológico que caracterizaram de Teologia da Libertação em que refletiam o evangelho em uma ótica histórica, humana e política. Jesus Cristo, sua mãe Maria e seus discípulos, segundo suas visões, eram sujeitos históricos, humanos e ‘divinos’ que dedicaram suas vidas para darem dignidade aos marginalizados de sua época, como os estrangeiros, os doentes, as viúvas e as prostitutas.

Para muitos dos seus críticos, a teologia da libertação tinha como base os escritos dos filósofos alemães Karl Marx, Friedrich Engels e Max Weber, ao tratar sobre a luta social por melhoria de condições de vida e por ligar religião à sociedade através da determinação econômica. Foi em virtude dessa atuação combativa da Igreja Católica, sobretudo, pela coragem dos bispos Helder Câmara, Evaristo Arns, Pedro Casaldáliga que denunciaram para o mundo as barbaridades da ditadura civil militar, fazendo com que o país começasse a sofrer sanções econômicas e, com isso, foram obrigados a reduzir as violações aos direitos humanos.

Em vários municípios do Estado do Pará, como Cametá, Pacajá, São Félix do Xingú, Gurupá, dentre outros, foram desenvolvidos os movimentos eclesiais ligados a Teologia da

Libertação e acabaram fortalecendo os sindicatos de trabalhadores e rurais, fundando o Partido dos Trabalhadores.

Aos encontros políticos que deram origem às Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) que se reputa como a origem de todo o processo de organização política do campesinato de Gurupá, que mais tarde formou lideranças atuantes na organização de um partido político de esquerda, o Partido dos Trabalhadores, que sistematizou um modelo de gestão alternativo ao até então vigente na região. Tanto que uma das primeiras consequências desta formação foi a criação, por parte desta parcela da população, do primeiro partido político de esquerda no município. Neste sentido, a atuação da Igreja Católica foi fator determinante para que a sociedade interviesse organizadamente nos rumos do desenvolvimento do município. (SANTOS, 2019, p. 481).

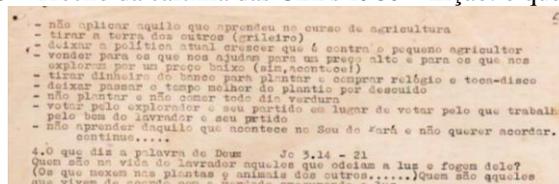
Os padres e as freiras que chegaram a Juruti na década de 1970 seguiam a mesma linha filosófica desse movimento de reflexão voltado para o atendimento das pessoas mais necessitadas. Com a aproximação da população através dos cursos de artesanato, atendimento à saúde, construção de casas populares, creche e pré-escola, os religiosos foram contribuindo para a formação de pequenos grupos de reflexão da bíblia com base nessa nova visão teológica. Durante alguns anos, foram encaminhadas lideranças para cidade de Óbidos, Belém e demais cidades do país onde recebiam formação teológica de especialistas sobre como ligar os conhecimentos bíblicos à realidade concreta do dia a dia, eram chamados de cursos de fé e vida.

As CEBs começaram a se espalhar pela cidade e pela zona rural, funcionavam como pequenos núcleos de encontros comunitários seguindo a mesma diretriz do movimento pelo país: refletia-se sobre os ensinamentos bíblicos ligados à realidade daquele local específico. Os encontros seguiam uma liturgia própria e, além de propagarem, os ensinamentos evangélicos, de uma forma engajada, havia toda a mística e cantos voltados para enfatizar a temática social libertadora. Uma música do poeta Zé Vicente (1986), chamada de “O Cantos dos Mártires da Terra”, era muito divulgada nos grupos e sintetizava o espírito do movimento. Um trecho da letra dizia: ‘haveremos de honrar todo aquele que caiu lutando/ contra os muros e cercas da morte jamais recuando’.

De tanto refletir sobre a realidade do município, os movimentos e grupos sociais chegaram à conclusão que só haveria condições de mudança caso fossem substituídos os mandatários da política por lideranças saídas de entidades não governamentais, do debate democrático e que fossem, também, comprometidas com as pautas reivindicatórias das comunidades. O trecho da cartilha das CEBs (Figura 10) expressa claramente essa realidade

quando estimula os pequenos lavradores a refletir sobre a realidade política do município e instrui em não votarem em quem não apoia o pequeno agricultor.

Figura 10 – Trecho da cartilha das CEBs 1980 – Lição: o que não fazer.



Fonte: Arquivo da Associação dos Artesãos de Juruti

As CEBs, no princípio, eram inofensivos grupos de igreja que rezavam nas casas e não chamavam a atenção de nenhum poderoso do município, mas, à medida que começaram a questionar a velha política opressora e a reivindicar direitos por melhores escolas, energia elétrica (na época a energia funcionava por 6 horas), água de qualidade e regularização das terras, a realidade começou a mudar: da indiferença que antes existia, passou a configurar o sentimento de aversão e ódio aos trabalhos desenvolvidos pelos religiosos, principalmente, depois que se fundou o Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais. Foi então que iniciou o contra-ataque.

Ameaças dos poderosos

Em meados do ano de 1980, começou a perseguição contumaz ao trabalho desenvolvido pelas freiras e padres. A opção ideológica dos religiosos era em favor da emancipação popular. Era comum nas reuniões das CEBs a insistência no combate a política de compra de votos e troca de favores. Essa consciência crítica foi-se avolumando ao longo do tempo e, conseqüentemente, começou a incomodar a classe detentora do poder. O grande sinal de alerta dos poderosos foi a eleição de 1988 quando 2 candidatos saídos das discussões das classes populares foram eleitos vereadores.

O ápice da revolta da classe burguesa de Juruti ocorreu quando um grupo de pequenos lavradores de vários núcleos comunitários começaram a tomar posse de terras que antes pertenciam aos latifundiários.

Na agricultura, assim como na manufatura, a transformação capitalista do processo de produção aparece a um só tempo como martirologio dos produtores, o meio de trabalho como meio de subjugação, exploração e empobrecimento do trabalhador, a combinação social dos processos de trabalho como opressão organizada de sua vitalidade, liberdade e independência individuais. [...] Por isso, a produção capitalista só desenvolve a técnica e a combinação do processo de produção social na medida em que solapa os mananciais de toda a riqueza: a terra e o trabalhador. (MARX, 2013, p. 703).

A prática de posses de terras indevidas é muito comum na Amazônia, onde muitos proprietários de terras, por influência, parentescos, conchavos ou grilagem de documentos, conseguiram concessões de terras com o objetivo de vendê-las quando essas forem valorizadas economicamente. A grande injustiça social dessa prática criminosa era que, em muitos casos, já havia famílias morando nessas terras há dezenas de gerações e, como eram pobres e com pouca instrução, era difícil lutar contra essa iniquidade.

O grande capital monopolista associado ao capital colonialista interno e o estado autoritário [...] essa aliança, que converte a burguesia em proprietária da terra, concentrando a propriedade fundiária em suas mãos e introduzindo a grande empresa no campo, a um só tempo, fragmenta o poder regional das oligarquias, submete pequeno e médios produtores, altera as relações de trabalho e de poder e, não satisfeita, converte imensas massas camponesas e indígenas em populações supérfluas para, em seguida, transformá-las em massas de intrusos, invasores, violadores da lei. (MACIEL, 2020, p.10).

A reviravolta nessa situação ocorreu quando as comunidades começaram a se unir e lutar contra os latifundiários. Com a contribuição do sindicato dos trabalhadores e trabalhadoras rurais e com a ajuda dos padres e das freiras os comunitários entraram com ações de posse da terra na justiça e acabaram comprovando que por direito eram os verdadeiros donos e aos poucos foram recebendo o título definitivo dos bens. Depois de derrotas consecutivas os latifundiários perceberam que a influência dos padres e das freiras estava sendo nociva aos seus interesses políticos e financeiros. Foi então que grupo dos endinheirados liderados pelo prefeito da época elaborou um contra-ataque contra os religiosos envolvendo acusações mentirosas e até ameaça de morte (Figura 11).

Figura 11 - Pichação na Igreja Matriz acusando os religiosos(as) de comunistas e ameaçando os padres de morte



Fonte: Acervo fotográfico da Paróquia Nossa Senhora da Saúde

A partir desse momento, as freiras e os padres começaram a enfrentar uma série de ameaças e propagação de mentiras sobre seus trabalhos desenvolvidos no município. O alvo dos políticos, latifundiários e empresários era os convênios mantidos entre a Igreja Católica e o governo federal. Esses convênios eram ligados ao setor de saúde e da

assistência social. Segundo os empresários, havia fraude nas prestações de contas desses convênios, contudo, os técnicos do governo encaminharam notas afirmando que não havia nada de irregular na relação financeira entre as duas entidades. Inclusive, reiterou-se, inúmeras vezes, através de prestações públicas, que, além dos recursos recebidos pelo governo federal, havia um grande volume de dinheiro inserido nos programas e projetos que eram enviados por familiares e amigos dos padres e freiras e, também, de benfeitores e entidades filantrópicas da Europa.

Apesar de tantas informações sobre a integridade das religiosas e todo esforço e serviço prestado por tantos anos à população, não foi suficiente para evitar o duro golpe que comprometeu a permanência das freiras no município: uma parte das pessoas que eram beneficiadas pelos projetos de assistência social, saúde e artesanato começaram acreditar nas mentiras proferidas pelos políticos. Após um constrangedor episódio em que o prefeito sugeriu que as freiras prestassem contas em praça pública, a cúpula da congregação Franciscana Maristella decidiu encerrar as atividades na sede do município e aos poucos começou a transferir as religiosas para outras missões no Brasil e continente africano.

A saída das irmãs representou uma vitória significativa dos poderosos do município. Consideraram que o mal que lhes oprimia tinha sido extirpado para sempre, contudo, não contavam que o serviço feito pelas irmãs e pelos padres perduraria para futuras gerações. Tempos depois, a prefeitura foi conquistada por uma liderança com apoio das classes populares e se seguiu por 16 anos.

Para o artesanato, o episódio de perseguição e saída das freiras da sede do município representou um golpe quase mortal. Irmã Gertrud, que organizava o intercâmbio de vendas da produção, foi transferida para a Cidade de Recife e o grupo se viu em apuros. Foi então que se percebeu que a cadeia de produção tinha falhas, ou seja, havia técnica de fabricação de produtos de boa qualidade, esses produtos, em sua maioria eram destinados ao mercado europeu e a Irmã Gertrud tinha o papel fundamental da interlocução dos idiomas inglês, alemão e português.

Como nenhum sócio do artesanato de Juruti aprendeu a se comunicar nessas línguas e se inter-relacionar com as pessoas e empresas desses locais, a produção sofreu uma severa diminuição. Dos 120 colaboradores, o grupo se reduziu a menos de 20. Nessa nova conjuntura, o grupo teve que se reinventar para sobreviver. Sem o mercado europeu, as

sócias que restaram continuaram frequentando feiras de artesanato pela região norte e começaram a concentrar a produção em três momentos em que a cidade recebia muitos visitantes e turistas, como a festa da padroeira da Igreja Católica, o festival das tribos indígenas de Juruti (uma das maiores festas folclóricas do Pará) e as festividades de final do ano. Algumas artesãs que se afastaram da associação montaram seus próprios ateliês com seus familiares e se dedicam também na fabricação de bijuterias, tapetes, roupas, toalhas e redes simples e decoradas.

Considerações finais

Com registro em cartório a partir de 1991, o artesanato de Juruti passou a ser chamado de Associação dos Artesãos e Artesãs do Município de Juruti (AMJUR). Ao longo de seus 50 anos de existência enfrentou dificuldades, porém demonstrou resiliência e continua até hoje sendo referência na região na produção de objetos artísticos. Seus sócios, ativos membros das CEBs, fizeram parte da história política do município. Junto a outras ONGs, conseguiram dar suporte em 2004 à tomada da prefeitura da classe burguesa do município. Com avanços e retrocessos, o artesanato de Juruti travou vários embates, tanto para sobreviver economicamente, como para combater as políticas que não representavam aos pequenos lavradores e trabalhadores em geral do município. Segundo Pires (1997) na definição da dialética marxista não é a concórdia que leva ao diálogo, mas a divergência, ou seja, a exacerbação do conflito. Diante dessas batalhas o artesanato deixa para seus pares algumas aprendizagens importantes:

Os mandatários do município tiveram sua cota de responsabilidade, afinal com saída das freiras, vários serviços assistenciais foram prejudicados, todavia no aspecto geral o fator determinante para o retrocesso do empreendimento foi a dependência gerencial a Irmã Gertrud. A freira até tentou, ao longo do tempo, atribuir mais responsabilidades às lideranças dos grupos de produção, contudo, em determinadas situações houve limitações. Não é simples o aprendizado contábil ou de outro idioma. Demanda tempo, paciência e alguém disposto a ensinar e outro disposto a levar a sério a aprendizagem.

Nesse sentido, não há como atribuir as falhas somente às religiosas. Um exemplo importante foi a tentativa de melhorar a qualidade das peças produzidas na olaria. Durante muito tempo, houve reclamação dos consumidores que insistiam em dizer que as cerâmicas produzidas eram muito bonitas e bem decoradas, mas eram frágeis. Muito pior eram os vasos de plantas que não suportavam por muito tempo a umidade. Para resolver esse

problema foram encaminhados alguns oleiros para fazer cursos em outros estados e aperfeiçoar a técnica de endurecimento do barro. Também, fora trazido da Europa alguns especialistas no fabrico de peças de cerâmica para dar instrução de como utilizar termômetros dentro dos fornos para obter o ponto exato da temperatura para o perfeito endurecimento e consistência das peças. O resultado foi que nenhuma das estratégias funcionou, assim que os técnicos viajaram os oleiros se descuidaram da temperatura e destruíram os termômetros.

Outra constatação foi a determinante ação da Igreja Católica nos rumos políticos do município, através do fortalecimento das CEBs, mas que acabou enfraquecendo nos últimos anos devido à postura conservadora adotada pelo Colégio Cardinalício nas últimas décadas. A opção católica em dar preferência aos mais necessitados incomodou a elite latino-americana que, por sua vez pressionou a cúpula conservadora do Vaticano em impor limites ao cristianismo de cunho socialista marxista, ocasionando uma guerra pública imposta pelo braço direito do papa João Paulo II, na década de 1980, o cardeal Joseph Ratzinger (superior da doutrina da fé e que, depois da morte de João Paulo II tornou-se papa Bento XVI), contra a Teologia da Libertação na América Latina. Nessa guerra, foram atacados os principais filósofos do movimento, como Leonardo Boff, Gustavo Gutiérrez, Frei Betto, Jon Sobrino, Leonidas Proaño. Sua restrição no processo de formação dos novos padres e freiras, nessa linha filosófica, acarretou em enfraquecimento das CEBs nas periferias da América Latina. Não é raro ver nos altares das igrejas e na mídia em geral centenas de padres e freiras dançando e cantando louvores desligados da realidade e exorcizando a política como fonte dos “males”, o que não deixa de ser satisfatório, cômodo e elogiável por parte de quem massacra a classe trabalhadora.

Referências

ALVARES, Sonia Carbonell. A pedagogia artesã como práxis educativa em culturas populares tradicionais. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 45, e186330, 2019.

CALDARELLI, Solange B. Apresentação Contexto Arqueológico Regional - Juruti (PA) – Scientia, 2002.pdf. Disponível em:

https://www.academia.edu/35233229/Apresenta%C3%A7%C3%A3o_Contexto_Arqueol%C3%B3gico_Regional_-_Juruti_PA_-_2002.pdf. Acesso: 24 de jul. 2021.

COLARES, Anselmo. História da educação na Amazônia: Questões de Natureza Teórico-metodológicas: Críticas e Proposições. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, número especial, p. 187-202, out. 2011.

FIALHO, Roberto Paulo Bibas. Senso matemático universal: percepção etnomatemática sobre as peças cerâmicas feitas pelos artesãos de Icoaraci – Belém/PA. **Revista COCAR**, Belém, Edição Especial N.3, p. 225 a 245 – Jan./Jul. 2017.

HOMMA, A.K.O. **A imigração japonesa na Amazônia: sua contribuição ao desenvolvimento agrícola**. Belém, PA: Embrapa Amazônia Oriental, 2007.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. – 2ª ed. – São Paulo: Cortez, 2013.

LOMBARDI, José Claudinei. Textos sobre Educação e Ensino / Karl Marx e Friedrich Engels. **Campinas, SP: Navegando**, 2011.

MACIEL, Antônio C. Formação social da Amazônia: o último round da cultura cabocla em Rondônia. In: VIANA, João P.; FONSECA, Dante R. **Formação social e política de Rondônia**. Porto Velho: DACS/UNIR, 2020.

MARX, Karl. O Capital. Tradução de Rubens Enderle. **São Paulo: Boitempo**, 2013.

PIRES, Marília Freitas de Campos. O materialismo histórico-dialético e a educação. **Interface — Comunicação, Saúde, Educação**, Botucatu/SP, v.1, n.1, Ago 1997.

SANTOS, Emina Marcia Nery dos. ESPAÇOS PÚBLICOS COMO MATRIZ DE GESTÃO EDUCACIONAL EM GURUPÁ: resistência política por uma escola popular para o povo. **Revista Exitus**, Santarém/PA, Vol. 9, Nº 4, p. 464 - 492, Out/Dez 2019.

SAVIANI, Demerval. *Pedagogia histórico-crítica: Primeiras aproximações*, 5ª ed. São Paulo, **Autores Associados**, 1995.

VICENTE, Zé. In: VICENTE, Zé. **O canto dos mártires da terra**. Ribeirão Bonito (MT): Verbo Filmes, 1986. Faixa 11.2. Disco de vinil.

ZDRADEK, A. C. S; OLIVEIRA, A. A demonização dos pajés guarani nas reduções jesuíticas – ensino de história, decolonialidade e educação. **Revista COCAR**, Belém. V.15 N.32/2021.

Notas

ⁱ Técnica ecológica de prensar o barro e depois secá-lo ao sol.

ⁱⁱ Prática criminosa de registrar terras públicas em órgãos oficiais. Os falsários utilizavam a técnica de colocar grilos nos recipientes para produzir o efeito de envelhecimento dos papeis.

Sobre os autores

Raimundo Jorge da Cruz Couto

Mestre em Educação pela Ufopa. Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Educação na Amazônia – PGEDA. Atua no seguimento da Educação Infantil em Juruti e também como Técnico da Ufopa. E-mail: jorgeccouto@hotmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8197-3602>.

Anselmo Alencar Colares

Doutor em Educação (Unicamp, 2003). Professor Titular da Universidade Federal do Oeste do Pará. Lotado no Instituto de Ciências da Educação (Iced), Curso de Pedagogia e Programa de Pós-graduação em Educação. Coordenador do Doutorado em Educação (Rede Educa Norte - Polo Ufopa). E-mail: anselmo.colares@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1767-5640>.

Recebido em: 21/08/2021

Aceito para publicação em: 11/10/2021